

MÚSICA, DANÇA E TEATRO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Rogério Nogueira de Mesquita¹; Elisandra Moreira de Lira²

¹Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: rogerio_vitorioso@yahoo.com.br. ²Universidade Federal do Acre – UFAC. E-mail: elisandrageo@yahoo.com.br

Resumo: A profissão docente sempre está em busca de metodologias de ensino que possam colaborar de modo eficaz no desenvolvimento de competências e habilidades nos alunos. O objetivo deste artigo é discutir o uso das múltiplas linguagens para o ensino de geografia na educação básica, com um acento especial para a contribuição das artes nesse processo. Para atingirmos tal objetivo fez necessário leitura bibliográfica da temática, associada as experiências em sala de aula, vivenciadas no decorrer da trajetória docente dos autores desse texto. Os resultados constatados no transcorrer desse trabalho foram apontados a partir da percepção de um maior interesse dos alunos pelas aulas de Geografia quando atreladas a elementos das artes, o que consolida-se como um culminante ganho para ambas as disciplinas, uma vez que permite ampliar entendimentos e percepções, além de construir conhecimentos sobre a temática. Desse modo, espera-se que as discussões trazidas no decorrer desse artigo contribua para impulsionar diversas outras leituras sobre a temática.

Palavras-chave: Geografia Escolar, Ensino Fundamental, Estratégias de Ensino.

Introdução

A geografia é uma ciência comprometida em tornar o mundo compreensível pela humanidade. Atualmente, pode ser vista não somente como a responsável pela descrição da superfície terrestre, da paisagem e individualidade dos lugares, mais vista como uma ciência responsável por estabelecer conexões em diferentes escalas no espaço e tempo. Para tanto, as metodologias utilizadas no ensino de geografia, se tornam desafiadoras para os que se dedicam a arte de educar.

Em escala de tempo, pode-se dizer que vivemos em um mundo com acelerado avanço tecnológico. Assim, não podemos negar que os procedimentos e estratégias de ensino, no âmbito da geografia escolar, devem acompanhar as constantes transformações e, ou redefinições contemporâneas. Como tornar possível essa conexão na rotina escolar? Entendemos que no processo de ensino-aprendizagem da geografia escolar, existe uma infinidade de estratégias que podem ser utilizadas para que as aulas sejam mais eficazes. Dentre elas, destacamos aqui neste trabalho, o uso da música, dança e teatro.

Nessa perspectiva, o artigo têm como objetivo basilar, apresentar através da literatura e das experiências vivenciados pelos autores, mostrar a importância do uso de múltiplas linguagens que a geografia pode se apropriar, na educação básica, com acento especial para a contribuição das artes nesse processo, tendo como foco, a música, a dança e o teatro.

Partimos do pressuposto de que, a geografia “é uma área do conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações” (BRASIL, 1998a, p. 26). Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, da área de geografia, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, esta área tem como objetivo:

(...) estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem. Na busca dessa abordagem relacional, trabalha com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais característicos de cada paisagem (...) (BRASIL, 1998a, p. 26)

Para formar cidadãos críticos e conscientes da realidade na qual se encontram inseridos, com um leque de informações úteis a sua vida cotidiana, o ensinar e aprender geografia é tarefa chave para a formação do sujeito pensante, o que nem sempre acontece nas escolas das diversas regiões brasileiras. A esse respeito, Castrogiovanni (2014, p. 11), pontua:

Pesquisas comprovam que muitos dos professores que atuam nos anos iniciais não foram alfabetizados em Geografia. As crianças chegam ao quinto ano do Ensino Fundamental sem a construção das noções e das elaborações conceituais que compreenderia tal “alfabetização”.

Desta forma, o docente assume caráter estratégico frente ao processo de ensino aprendizagem, e mesmo perante aos desafios impostos pelos sistemas educacionais, tem a responsabilidade de formular estratégias de ensino que permitam estimular o discente à aprendizagem. As linguagens são as mais variadas possíveis no universo geográfico, dentre elas, podemos citar o uso de mapas, gráficos, figuras, tabelas, charges, dentre outras. Entretanto, observamos que o uso dessas linguagens já não são suficientes frente ao contexto atual, mesmo quando as mesmas estão atraídas ao uso das tecnologias. Quais estratégias de ensino o docente deve fazer uso para lidar com tal cenário?

Consideramos tais indagações comuns no pensar do professor. Não se trata de abandonar as ferramentas já utilizadas no ensino de geografia, mas está preparado para novas formas de ensinar. Nossa experiência, aqui demonstrada, trata-se de aliar algumas ferramentas das artes, como estratégias para aprimorar a construção do conhecimento no universo escolar.

Neste interim, vislumbramos no âmbito da música, mais uma ferramenta auxiliar para a melhoria da aprendizagem dos educandos, nas aulas de geografia. Esta ferramenta “comporta uma riqueza de conhecimentos em letras que estão diretamente relacionadas ao ensino desta disciplina” (SILVA, 2015, p. 21).

O auxílio dessa ferramenta quando utilizada de maneira adequada trás grandes êxitos para o processo de ensino e aprendizagem do aluno e realização profissional ao professor. O aluno passa a assimilar e entender o conteúdo de forma mais rápida e eficiente além de enriquecer o método como o professor ensina geografia nas suas aulas (...) trabalhar a geografia

através da música é apenas mais uma das diversas ferramenteas que poderão e deverão ser implantadas e utilizadas dentro do processo educacional (SIIVA, 2015, p. 21).

Como consta nos PCNs, na música “a leitura da paisagem expressa a pluralidade, e o professor não deve perder a oportunidade de trabalhar as canções locais” (BRASIL, 1998a, p. 44). Tendo em vista que tanto as crianças como os jovens estão sempre atentos à expressão cultural nessa fase escolar.

Também damos ênfase aqui, ao uso da dança, como ferramenta no ensino da geografia. Quando trabalhamos o elemento espaço em sala de aula, visualizamos duas dimensões, a de **noção** (por meio da estrutura mental que se constrói desde o nascimento até a formalização do pensamento) de espaço, e a de **categoria** (objeto de estudo da geografia) (BRASIL, 1998a). Tendo como base os PCNs, a compreensão da noção de espaço é um processo complexo e progressivo, não havendo “apenas uma maneira de construir essa noção: ela não se restringe apenas aos conteúdos de geografia, mas permeia praticamente todas as áreas, não sendo um conteúdo em si, mas algo inerente ao desenvolvimento dos alunos.” (BRASIL, 1998a, p. 139).

Para Brito (2013, p. 12), ao pensarmos o espaço como componente primordial para o desenvolvimento da interdisciplinaridade:

é possível relacionar a dança e a geografia, e através delas desenvolver uma comunicação entre saberes, no qual o estudo do espaço irá desmistificar a dualidade entre sentir e pensar, já que a dança constituída de movimentos se inter-relaciona com o meio físico transformando os gestos e produzindo novos espaços

Assim, entendemos que ao relacionarmos o espaço geográfico com o espaço na dança, estamos verificando em princípio o espaço cotidiano, que será alterado através da arte, quando da inserção de sentidos aos movimentos considerados rotineiros, transformando o meio físico em proposta de cena (BRITO, 2013).

Por último, destacamos neste trabalho, também como ferramenta para o ensino de geografia, o teatro. A utilização do teatro como recurso de ensino tem se justificado por estimular a criatividade dos alunos nas várias áreas do conhecimento. No que tange a geografia, o teatro envolve “tanto a vertente instrumental, por se tratar de uma outra disciplina que a partir do teatro pode estimular a criatividade, quanto a vertente existencial, por possuir o objetivo de ler e compreender o mundo observando as interferências humanas na construção do espaço geográfico” (SOARES, 2013, p. 61).

Como já mencionamos, a geografia deve instigar o educando na busca de uma leitura plural da realidade, ampliando seu horizonte de conhecimento.

Nesta perspectiva, o teatro surge como um aliado na busca por olhares diferentes sobre a realidade. Propõe uma abertura para a espontaneidade; a criatividade e o trabalho coletivo. Um ensino, no qual os alunos atuem como agentes de seu conhecimento, com autonomia e liberdade, e os professores mediem, coordenem e direcionem as ações a serem realizadas (SOARES, 2013, p. 66).

Destarte, é preciso que os profissionais da educação criem condições no processo de ensino e aprendizagem que possibilitem diferentes estratégias cognitivas e ritmos de aprendizagem, contribuindo para que os educandos aprendam de forma ativa, participativa, ampliando seus conceitos prévios aos raciocínios mais complexos (CASTROGIOVANNI, 2003).

Vive-se um período onde a monodisciplinaridade já foi superada. Não se trata mais de um período em que buscamos nos atentar somente aos aspectos parciais das coisas, através de uma microanálise, e sim de expandir os horizontes e buscar novos resultados, e para isso, são necessárias novas experimentações, bem como buscar associar os conteúdos do currículo de geografia a algo simples, do cotidiano, e que também envolva outras disciplinas e, ou saberes. Nesse sentido, encontramos ótima aceitação das artes, no âmbito da geografia, chamando a atenção sua identidade lúdica.

É comum, nas escolas de ensino básico, os famosos projetos multidisciplinares, mas é necessário ter-se muita atenção com a utilização do termo. Se há um diálogo entre as disciplinas, então, será que se trata da multidisciplinaridade ou da transdisciplinaridade? Charaudeau (2010, p. 6), explica que “a interdisciplinaridade é mais difícil de conseguir, ela não é fácil como parece, pois não basta apenas usar diferentes disciplinas em um mesmo objeto de análise, é preciso confrontar várias competências disciplinares”. A colocação do autor justifica-se pelo fato da multidisciplinaridade tratar do ponto de vista de cada área, ou seja, os fenômenos são tratados de modo isolado, assim, a sonhada interação entre as disciplinas que tanto se busca não existe com a denominação de interdisciplinaridade.

Para intermediar esse distanciamento do que se pretende atingir, surge a transdisciplinaridade que vai gerar um fruto, que é a aprendizagem. Charaudeau (2010, p. 6), diz ainda que “esta corresponde a um movimento de transversalidade das disciplinas, resultando em uma co-construção dos saberes que atravessam literalmente as disciplinas constituídas”. Os argumentos postos acima se fazem necessários para se evidenciar as possíveis vias de integração entre as disciplinas de artes e geografia.

Vale lembrar que, entre os múltiplos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no âmbito das diferentes disciplinas, encontra-se o de desenvolver a capacidade do aluno em “questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o



pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.” (BRASIL, 1998a, p. 7). Assim, busca-se evidenciar o fato de que geografia e artes conseguem estabelecer perfeita harmonia e comunicação entre si.

Metodologia

Para a construção deste trabalho, foi realizada pesquisa bibliográfica da temática “Geografia e linguagens de ensino, com acento especial para a contribuição da música, dança e teatro”. Além da pesquisa sobre a temática, o estudo pautou-se em experiências práticas vivenciadas pelos autores, durante suas rotinas escolares.

Resultado e Discussão

O conhecimento e interação da geografia e arte são de fundamental importância para o desenvolvimento pleno do indivíduo, estas pertencem à sua história desde os primórdios da vida humana. Segundo Bosi (2000), desde a Pré-História, o homem busca na arte uma maneira de relacionar-se com o universo e consigo mesmo. De mesmo modo, no que concerne à geografia, os indivíduos sempre estiveram intrinsecamente ligados a seu universo, partilhando, de algum modo, de seus fenômenos, mesmo que de modo inconsciente.

Buscando demonstrar como a arte pode contribuir com a geografia, destacaremos as categorias música, dança, e teatro.

A música

Esta posta como categoria é considerada a comissão de frente no que concerne ao ensino e aprendizagem discente.

A música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época. Atualmente, o desenvolvimento tecnológico aplicado às comunicações vem modificando consideravelmente as referências musicais das sociedades pela possibilidade de uma escuta simultânea de toda produção mundial por meio de discos, fitas, rádio, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade, etc. (BRASIL, 1997, p. 53).

Mesmo fora do âmbito escolar, no dia-a-dia, quando as pessoas se encontram mal humoradas, em nível máximo de stress, querem relaxar, dormir ou se agitar, costumam ouvir músicas. Trazendo esta arte para um ambiente considerado, chato, monótono, e rotineiro como é tratada a sala de aula e, principalmente, as aulas de geografia, a música entra como elemento estratégico.



No Ensino Fundamental, por exemplo, possui séries que o grande foco dos conteúdos é o território brasileiro. Estudar as letras das canções que o retrata, por meio das culturas locais, regionais, nacionais e internacionais, colabora para conhecer a nossa língua musical materna.

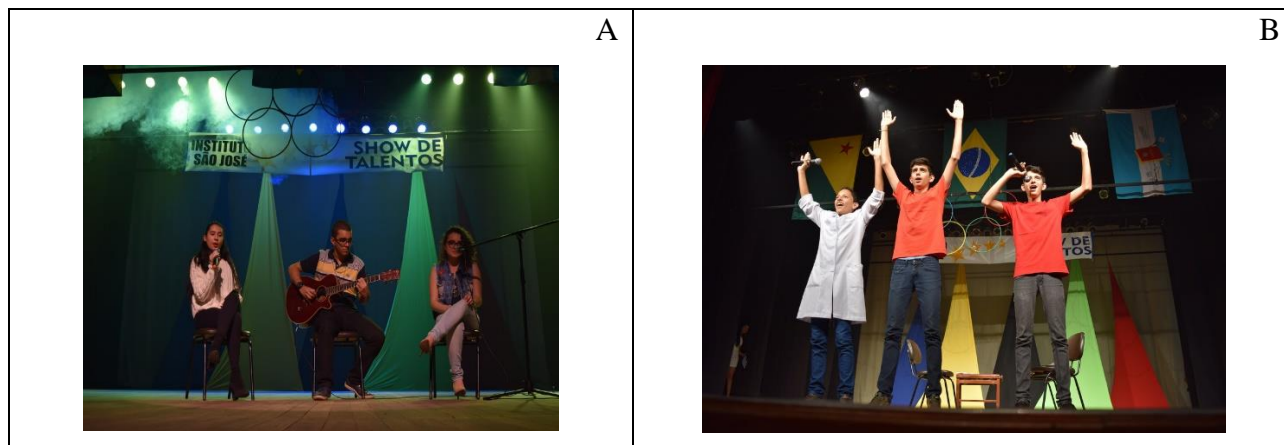


Figura 1: A e B - Show de talentos no Instituto São José (Rio Branco-AC) com a temática das olimpíadas 2016.
Fonte: Blog do Instituto São José. Disponível em: <https://institutosaojoseac.wordpress.com/page/12/>. Acesso em: 08.08.2017.

Entre as diferentes canções trabalhadas nas aulas de geografia no ensino fundamental no decorrer de nossas práticas docentes, encontra-se “Asa Branca” de Luiz Gonzaga. Esta foi estrategicamente utilizada como problematização introdutória de uma das aulas no 7º ano onde o conteúdo em foco era a Região Nordeste do Brasil. A letra da canção diz o seguinte:

Quando olhei a terra ardendo
Igual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Depois eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Depois eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

(Luiz Gonzaga, Asa Branca)

Como pode-se observar, a letra da música apresenta elementos característicos de uma das regiões brasileiras castigada pela falta de chuva. A seca além de ser um problema climático da região, é uma situação que gera transtornos sociais para as pessoas que a habitam. Muitas famílias são obrigadas a deixarem suas casas onde possuíam todo um vínculo afetivo e sair em busca de outros lugares com abundância de chuva e terras férteis para seguirem suas vidas.

Poder extrair diversos outros elementos da letra da canção, que poderão ser dados muitos outros enfoques, é algo que torna a aula ainda mais atrativa para os discentes. Se for trabalhada simplesmente a letra da música sem a sonoridade, a aula retornaria a ser vista como algo cansativo, e “sem graça”. A partir do momento em que se acrescentam os elementos sonoros com diferentes ritmos, os alunos se sentem atraídos e motivados para continuar acompanhando e participando das aulas. O resultado, por meio do lúdico, é a captação da mensagem que traz a letra da canção, permitindo com que o docente possa explorar o conteúdo com diversos outros níveis de abrangência.

A dança

É tomada como algo complementar da categoria trabalhada no tópico anterior. Através desta, é possível resgatar e trabalhar os diferentes modos de vida das sociedades antigas e

contemporâneas, exemplificando como estas se comportavam ou se comportam no espaço. “A arte da dança faz parte das culturas humanas e sempre integrou o trabalho, as religiões e as atividades de lazer. Os povos sempre privilegiaram a dança, sendo esta um bem cultural e uma atividade inerente à natureza do homem.” (BRASIL, 1997, p. 49).

Os conhecimentos adquiridos através da dança se dão por meio das percepções e representações das diferentes sociedades no tempo e no espaço. Através de tais mecanismos, podem-se trabalhar tais movimentos corporais, por exemplo, para reforçar os conteúdos trabalhados no decorrer das aulas de geografia, bem como encerrar o bimestre ou o semestre de modo mais lúdico, representando determinado modo de vida de uma sociedade.



Em uma das atividades desenvolvidas com o 9º ano do Colégio de Aplicação da UFAC que gerou a figura acima, se tratava de uma aproximação para o fechamento do ano letivo. O objetivo foi reunir através da dança que os discentes a intitularam de “balé dos continentes”, elementos (conteúdos) trabalhados no decorrer do ano. A escolha da temática se justifica em razão da série mencionada focar bastante o estudo dos continentes, bem como, fauna, flora, clima, relevo, vegetação, tipos de dança e comidas típicas destes.

Os grupos foram divididos de modo que cada um ficasse responsável por representar um continente através da dança e culinária, como uma espécie de revisão dos conteúdos trabalhados no decorrer do ano. E o resultado foi enriquecedor, todos participaram assiduamente, onde também nos permitiu trabalhar e avaliar outras habilidades dos alunos, bem como, superação da timidez, compromisso individual e coletivo, além da capacidade de síntese.

Convém lembrar que, para que tal prática funcione, esta deve ser previamente comunicada em sala de aula, antes de serem iniciadas as atividades do bimestre ou semestre, pois, assim, se contribui para um maior despertar da atenção dos discentes nas aulas no decorrer do período, uma vez que estes costumam se empenhar bem mais nas atividades quando envolvem o lúdico.

E assim funciona o processo de ensino, há sempre uma troca entre professor e aluno. O que os professores ofertam como troca à dedicação dos discentes são novas formas de aprender a aprender, e estes se empolgam a desfrutar dos novos caminhos encontrados que precisam ser explorados. Deste modo, todos ganham no final.

O teatro

Mediante a necessidade em se formar cidadãos desinibidos, criativos e capazes de interpretar a realidade para além do que se apresenta, o teatro surge como estratégia, onde por meio deste os discentes narram e interpretam de maneira dramática ações presentes no dia-a-dia das diferentes culturas. “Ao buscar soluções criativas e imaginativas na construção de cenas, os alunos afinam a percepção sobre eles mesmos e sobre situações do cotidiano.” (BRASIL, 1998b, p. 88).



Figura 3 Confeção de bonecas abayomi para dramatização no dia da consciência negra – alunos do CAP/UFAC.

Fonte: MESQUITA, 2016.

A figura acima é fruto de uma das múltiplas atividades desenvolvidas no 6º ano do Colégio de Aplicação da UFAC utilizando o teatro para trabalhar a geografia, onde através da confecção de bonecas abayomi em comemoração ao dia da Consciência Negra os alunos foram incentivados a exercitar a imaginação voltando um pouco na história. Após a oficina de confecção das bonecas, os mesmos foram desafiados a criarem falas e encenar utilizando as bonecas abayomi como espécie de fantoches, ressaltando a importância da criação de um dia comemorativo da Consciência Negra com o intuito de conscientizar a população para a importância do povo negro na formação social, histórica e cultural do nosso país.

Através da arte, também é possível a inserção de conteúdos de geografia para serem trabalhados de modo mais eficaz. Esse conteúdo contemplado por meio de dramatizações busca abranger as preocupações fundamentais apresentadas nos temas transversais, identificando-se,

portanto, com aquele corpo de conhecimentos considerados como questões emergenciais para a conquista da cidadania.

Por meio da dramatização com o enfoque geográfico, também é possível os discentes perceberem quão prazeroso é o universo das artes. Trata-se apenas de uma minúscula porção do imenso campo da geografia. Por meio dessa, são dadas as condições necessárias para que os discentes percebam a interação entre o homem e o espaço.

O espaço considerado como território e lugar é historicamente produzido pelo homem à medida que organiza econômica e socialmente sua sociedade. A percepção espacial de cada indivíduo ou sociedade é também marcada por laços afetivos e referências socioculturais. (BRASIL, 1998a, p. 27).

Nessa perspectiva, o teatro ainda é considerado uma ferramenta inovadora nas aulas de geografia, o que contribui significativamente para atrair a atenção dos estudantes no decorrer das aulas. Mediante o contexto tecnológico no qual os jovens encontram-se inseridos, urge o desafio docente em reformular suas práticas de ensino.

Conclusões

Deve-se levar em consideração que o ensino de geografia passa por significativas mudanças em sua estrutura. Convém lembrar que a geografia escolar irá refletir, de algum modo, na formação dos cidadãos que serão responsáveis por governar a sociedade. Desse modo, faz-se necessário cautela com os conteúdos de geografia que estão e estarão sendo ensinados a estes jovens.

Nos dias atuais, com o fenômeno da globalização, nunca se teve tanta informação disponível aos jovens. No entanto, nunca se teve acesso a tanta futilidade. E esta consegue roubar a cena em todos os ambientes, inclusive no ambiente escolar. Tem sido cada dia mais difícil os professores levar para a sala de aula uma atividade que seja vista como inovadora, pois para estes jovens em grande parte, o que é inovador em sala de aula deve envolver o lúdico.

Desse modo, o trabalho do professor perpassa o âmbito uno e passa a atuar em caráter múltiplo, onde este profissional além de ensinar os conteúdos também tem que ser “malabarista” para conseguir executar o planejado. Assim, nasce um dos grandes desafios do profissional em educação, o de despertar o sentimento topofílico neste aluno, ou seja, o sentimento de pertencimento ao ambiente que ele passa maior parte de sua vida, que é a escola. Esta deve ser vista por esse educando como um ambiente acolhedor e de oportunidades.

Mas, por que utilizar artes como instrumento para trabalhar geografia? A resposta é: como os discentes se sentem mais atraídos com o lúdico, a estratégia é buscar unir ambas as disciplinas. Com o caráter marcante da ludicidade que envolve a arte, há sempre maior rendimento em sala de aula quando se utiliza esta tática. O objetivo é sempre conseguir desenvolver as competências e habilidades necessárias para este aluno.

Esse estudo se propôs colocar em evidência a importância de se estabelecer harmonia entre as disciplina de geografia e artes, na busca de ampliar as discussões sobre as estratégias de ensino que possam ampliar as possibilidades de ensinar geografia. Assim, por meio da conversação entre ambos os campos do saber, a geografia escolar com suas múltiplas linguagens, busca contribuir para a ampliação das estratégias de aprendizagem geográfica e ampliação do interesse pela prática transdisciplinar.

Através desse tipo de prática, os educandos tomam consciência de que as temáticas abordadas dentro das salas de aulas tratam de temas transversais com grande alcance e relevância social, temas esses que se encontram inseridos no cotidiano do qual estes partilham.

Faz-se necessário lembrar que, em nenhum momento, foi nossa intenção propor um roteiro ou plano de trabalho com o melhor método ou estratégia a ser seguida pelos professores em sala de aula, mas persistir no debate e discussão no que concerne à busca por novas linguagens para o ensino de Geografia. Desse modo, acredita-se que prática didática com características transdisciplinar ou multidisciplinar pode propiciar maior dinamismo, despertar grande interesse, estímulo e envolvimento dos alunos para a situação de ensino-aprendizagem.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a. Disponível: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso: 04/09/2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. (5ª a 8ª série). Brasília: MEC/SEF, 1998b. Disponível: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso: 04/09/2017.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso: 02/09/2017.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

BRITO, Gimeny Dayana de. **O espaço: entre a dança e a geografia**. 31f. (Monografia) Curso de Licenciatura Plena em Dança. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2013.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. (org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

CASTROGIOVANNI, A. C; CALLAI, H. C; KAERCHER, N. A. **Ensino de geografia**. 11ª ed. Porto Alegre, 2014.

CHARAUDEAU, P. Emérito, P; **Por uma interdisciplinaridade “focalizada” nas ciências humanas e sociais**. Paris: Ed. LCP, 2010.

GONZAGA, L. **Asa Branca**. Disponível em:< <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>. Acesso: 15 out.2017.

SILVA, Renágila Soares da. **A importância da música nas aulas de geografia: práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia**. 45f. (Monografia) Licenciatura Plena em Geografia. Cajazeiras-PB: Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

SOARES, Liana Macabu de Sousa. Teatralizando o ensino de geografia. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**, Campinas, v. 3, n. 5, p. 57-81, jan./jun., 2013.